

educação



Google Images

Psicologia: ferramenta na educação sobre drogas

Entre redações, tabelas periódicas de elementos químicos e equações matemáticas há espaço para falar sobre drogas dentro de sala de aula? Esse exercício tornou-se necessário em tempos de informação rápida e que chega em doses cavalares aos jovens. A educadora e psicóloga Yara Sayão, da Universidade de São Paulo (USP), justifica essa necessidade: “Eles já têm bastante informação, via rede mundial de computadores, principalmente. O importante ao trazer o tema para a sala de aula é ajudá-los a processar valores e discutir o assunto entre eles”.

No contexto de provocar nos adolescentes o debate sobre substâncias psicoativas, a Educação deve contar com uma valiosa auxiliar: a Psicologia. Isso porque, se no aprendizado de disciplinas como Português, Física ou Biologia existem métodos, leis determinantes e fórmulas preestabelecidas, ao abordar questões como drogas e álcool, não há verdade absoluta ou receita pronta. O enfrentamento às drogas é um ponto sensível e a Psicologia tem uma contribuição importante a dar, que é ajudar a entender o que são as drogas psicoativas para as pessoas, e tudo

que está envolvido nisso, como causas, riscos e consequências. Além disso, o olhar da Psicologia faz ressaltar que esse trabalho educacional consiste não somente em passar informações, mas a levar o público-alvo à reflexão, à reelaboração de sentidos relacionados à questão das drogas, à saúde, aos projetos de vida, dentre outros.

Historicamente, as drogas sempre estiveram presentes na sociedade, em maior ou menor grau. O que muda é o posicionamento das pessoas diante delas: modo de usar, tipo de uso, quando se usa, se o uso é ritualizado, se é uma situação de grupo, em torno de uma questão ou se é um uso isolado. “As perguntas vão além”, defende Yara Sayão. “O que é uso? O que é experimentação, o que é uso indevido ou o que é abuso? O que é dependência? São dúvidas que vão permear a forma de organizar o pensamento. Acredito que, abrindo discussão sobre todos esses parâmetros, abrimos espaços de reflexão sobre o que é isso, e a relação com a vida de cada indivíduo, com seu corpo, com sua própria saúde e com a saúde dos outros”, analisa a educadora e psicóloga.

Se a abordagem do assunto é tão delicada, como trabalhar de forma eficaz no campo da educação? O psicólogo Antonio Carlos Egypto acredita que a honestidade é o caminho das pedras: “Eu tenho trabalhado projetos desse tipo e acho que devemos conversar de forma aberta com os jovens. Trazer informações e possibilitar o debate, mas de forma honesta com eles, sem ‘cartas na manga’, porque é muito comum os adultos fazerem isso”, analisa Egypto. “Em uma conversa com eles, a pessoa escolhe não poder falar que a maconha tem uso terapêutico. Mas fazendo uma conversa cifrada desse tipo, em que só mostra o que interessa e corta o que os jovens poderiam interpretar de um jeito que se acha perigoso, essa relação já começa a perder credibilidade. São informações que de fato existem, a que a gente tem acesso e põe em discussão. Eu percebo que os jovens estão um pouco cansados dessa pregação moralista que existe em relação às drogas”, afirma.

Sempre existe a dificuldade natural no diálogo entre adulto e adolescente sobre a questão de drogas, porque ou os jovens entram com uma postura contrária à do adulto ou fingem que vão seguir os “conselhos” dos mais velhos. “Ao ouvir o conhecido discurso de que se deve ser moralista, pensar dessa maneira, os jovens tentam responder aquilo que acham que a gente quer ouvir e não o que eles realmente pensam”, revela Egypto, que define como o educador deve se posicionar: “Quem vai discutir a questão com os jovens não vai convencê-los de alguma coisa, mas procurar saber como é que eles encaram a questão e ajudá-los a processar as informações que vão receber, juntando com as que eles já têm”.

O imediatismo muito presente na sociedade contemporânea pede respostas rápidas. As pessoas não sabem ou não querem lidar com as frustrações, por isso buscam soluções químicas para tudo. Assim, toma-se remédio para resolver todos os problemas – é a forma de comunicar que a pessoa não suporta a dor, o incômodo ou frustração alguma. E o uso da droga, por vezes, traz uma resposta imediata. Por isso é vital motivar a discussão em torno desse tema, dando aos menos experientes mais bagagem para avaliar os prós e os contras dessas escolhas.

Alguns tópicos devem figurar na pauta desses debates. Em primeiro lugar, para ambos os lados,

entender o que são drogas psicoativas ou psicotrópicas. Discutir diferentes funções das drogas, sejam elas estimulantes, sejam perturbadoras, pois grande parte dessas substâncias está no nosso dia a dia. São objetos de uso comum, desde o cafezinho até solventes usados na manutenção de carros e que também são objetos de abuso. Portanto, drogas psicoativas fazem parte da nossa vida. Algumas delas são legalizadas, como o tabaco e a bebida alcoólica, e outras não, como a maconha e a cocaína. Sem esquecer remédios, calmantes, tranquilizantes e ansiolíticos.

Estamos cercados de drogas psicoativas. Deve-se primeiro falar sobre drogas legais para, em seguida, analisar o problema das drogas ilegais. “Aprender a lidar com elas é fundamental, porque assim como o uso das drogas pode ser positivo, pode ser muito negativo também. Destacar o álcool nessas conversas, por exemplo, é muito importante. Mais de 90% dos problemas relacionados com violência, com morte, envolvem consumo de álcool. Apesar desse dado, convivemos com o estímulo que tem o consumo de álcool, principalmente a cerveja, com propagandas glamorosas nos intervalos das novelas”, lamenta Antonio Carlos Egypto. “Ainda é importante conversar com o adolescente e mostrar que existe o uso recreativo de drogas, mas por algum tempo, e que o uso mais frequente pode levar à dependência. A maioria dos usuários defende a ideia de que pode se controlar e parar quando quiser. A verdade é que pouca gente consegue fazer isso, principalmente na adolescência, quando o indivíduo acredita que tem domínio de tudo, mas não é bem assim”, avalia.

O psicólogo Antonio Egypto é autor do livro *Drogas e prevenção: a cena e a reflexão* (Editora Saraiva), voltado para o público adolescente. A publicação é um guia de atividades em grupo que começa com uma cena teatral para introduzir o assunto, seguida de discussão. Além do texto, a dinâmica prevê a leitura de recortes de notícias de jornal e indicação de sites que tratem do tema.

O autor também concebeu alguns projetos para grupos de educadores de escolas públicas e particulares. “Já fiz palestras para pais, professores e até trabalho direto com os jovens. Agora mesmo estou fazendo alguns encontros com jovens aqui em São Paulo. Mas o que eu acho que funciona mais é capacitar os

**Acredito
que, abrindo
discussão sobre
todos esses
parâmetros,
abrimos espaços
de reflexão
sobre o que é
isso, e a relação
com a vida de
cada indivíduo,
com seu corpo,
com sua própria
saúde e com
a saúde dos
outros**

Yara Sayão



educadores da escola para que eles façam um trabalho continuado. Minha sugestão é fazer um trabalho de recursos, de capacitação e supervisão de educadores da escola, que vão continuar o trabalho com os alunos. Infelizmente as escolas não investem o suficiente em projetos duradouros. Às vezes, eles fazem, mas não dão continuidade”, observa.

Apesar dos contratempos, as iniciativas educacionais nesta área apresentam bons resultados. Projetos que trabalham nessa linha de reflexão são “trabalhos de formiguinha”. Como tudo em educação, os resultados mesmo não são imediatos. Eles só vão ser vistos mais na frente, quando o jovem for confrontado com situações que exijam dele posicionamento em relação às drogas. “Dá para perceber a eficiência pelas próprias atitudes dos jovens. O interesse deles no debate e pelo que eles trazem do que aprenderam, isso é indiscutível”, comemora Antonio Egypto. “E temos alguns exemplos de depoimentos de jovens que nos deram, de como eles utilizaram aquele conhecimento na vida prática, como um rapaz que recusou um *ice* em uma *lan house*, porque aprendeu sobre esse tipo de substância psicoativa dias antes, em um debate na escola. Ou um grupo de meninas que questionou seus médicos por causa dos remédios no tratamento para emagrecer. Conhecer as drogas é importante, porque a ignorância não protege ninguém, a informação e o debate é que protegem”, destaca Egypto.

Aspecto positivo da educação em relação à questão das drogas é o fato de não haver um cenário único para que ela aconteça. Para a ONG paulista Projeto Quixote, a rua se torna um espaço possível para a ação educativa. A proposta não tem ar de sala de aula. O trabalho dos profissionais ligados ao Quixote começa no local onde as crianças passam a maior parte do dia.

O objetivo dessa ação é a formação do vínculo, a escuta das demandas subjetivas e a provocação da possibilidade da saída da rua; numa segunda fase, na qual o vínculo já está estabelecido, os educadores acompanham os atendidos na realização de suas demandas, que podem ser de saúde, de saudade da família, de saída da rua. E a Psicologia tem um papel fundamental no atendimento, pois trata de crianças e adolescentes que viveram ou vivem situações de muito sofrimento, como o abandono, as situações vivenciadas nas ruas, a violência, o uso de

drogas, a falta de perspectiva de futuro. Essas situações podem gerar angústias que precisam ter um lugar para ser escutadas e elaboradas.

Na sequência do trabalho, acontece o acompanhamento terapêutico (AT) com os chamados ETs (educadores terapêuticos), que levam os assistidos ao Moinho da República, em uma casa localizada na Praça da República, na capital paulista, chamada de “campo de refugiados”, onde o processo de saída da rua começa. Dentro da estrutura ainda existem os Centros de Referência da Criança e Adolescente (CRECAS), onde são abrigados. O Moinho da República é um espaço alternativo à rua, e lá também é dado início à terceira fase, que consiste na volta à família, à comunidade. Nesta fase é feito todo um trabalho com as famílias e a busca na rede de sua comunidade de recursos, para que a sua inserção aconteça, com a garantia de seus direitos, à educação, à saúde, ao lazer, pois o desejo de todo refugiado é voltar para sua ‘Mátria’ como bem diz o poeta argentino Ernesto Sabato. Esse processo é chamado de “Rematriamento”.

As drogas acabaram se inserindo na vida dessas crianças e adolescentes em trânsito pelas ruas, pois elas percorrem um circuito de sociabilidade em que a droga faz parte e é um forte anestésico para quem vive reminiscências de uma grande ruptura. Os jovens passam por fenômeno de extrema complexidade, em que vários fatores contribuem para que a criança ou o adolescente acabe se colocando em situações de risco.

Por meio de sistematização dos dados dos atendimentos obtêm-se índices que proporcionam análise quantitativa da aderência ao projeto e, nas discussões e supervisões da equipe, é feita análise qualitativa dos casos atendidos e constatam-se as melhoras, as inserções, o crescimento, as adequações, sempre dentro de uma perspectiva do crescimento individual. “Por exemplo, o menino saiu da rua e está abrigado, voltou para a família e foi rematriado, voltou a estudar, vinculou-se ao tratamento psicológico, parou de usar drogas, se inseriu no mercado de trabalho e outras tantas coisas, por isso temos como meta transformar histórias”, destaca Cecília Motta, coordenadora do Programa Refugiados Urbanos (situação de rua) e presidente da AAPQ (Associação de Apoio ao Projeto Quixote).

Dá para perceber a eficiência pelas próprias atitudes dos jovens. O interesse deles no debate e pelo que eles trazem do que aprenderam, isso é indiscutível

Antonio Egypto